

CRIATIVIDADE E INFORMAÇÃO: UMA RÁPIDA ANÁLISE PRAGMÁTICA DAS ESCOLHAS SINTÁTICO/FONOLÓGICAS

Gustavo Breunig

Marcos Goldnadel

RESUMO: Enquanto trabalhos sobre estrutura informacional têm analisado como a informação está relacionada à ordem de palavras e à prosódia das sentenças, a razão para existirem tantas formas de transmitir informação tem sido menos discutida. Isto é o que este trabalho pretende introduzir. O ponto de partida deste trabalho é a ideia de criatividade linguística e, através de uma análise de sentenças, pretendemos indicar ideias para futuros trabalhos a serem desenvolvidos neste tópico, explorando a ideia de que a língua nos possibilita falar de diferentes formas e com diferentes intenções, nos proporcionando diversas formas especializadas de fazê-lo.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura informacional; criatividade; ordem de palavras.

Creativity and information: a brief pragmatic analysis of syntactic and phonologic choices

ABSTRACT: While current works on Information Structure are being analyzed as how information is related to word order and prosody of sentences, the reason for the existence of so many ways of transmitting information is less discussed. This is what this work intends to introduce. The starting point of this work is the idea of linguistic creativity and, through an analysis of sentences, we intend to identify ideas for future works to be developed on this topic, exploring the idea that language allows us to speak in different ways and with different intentions, allowing us a number of specialized ways of doing so.

KEY WORDS: information structure; creativity; words order.

INTRODUÇÃO

A informação de um enunciado específico não pode, geralmente, ser predita fora de contexto, podendo também a estrutura da sentença que carrega tal enunciado variar em diversas formas. A sintaxe da sentença deve, obviamente, ser observada ao elegermos essa ou aquela forma de transmitir a informação. Por exemplo, para responder à questão em (1),

podemos escolher as frases de (2a) até (2d), porém (2e) e (2f) não são opções viáveis (VERSALETE indica o acento principal de foco nas sentenças):

- (1) Quem o João beijou?
- (2) a. O João beijou a MARIA.
 - b. Ele beijou a MARIA.
 - c. A MARIA.
 - d. Foi A MARIA que o João beijou.
 - e. *O A beijou João MARIA.
 - f. *Foi MARIA beijou.

Acima eu digo que de (2a) até (2d), todas parecem respostas viáveis para a informação a ser carregada. Isso é verdade enquanto tratamos da chamada pergunta virtual (Ilari, 1992), porém, como notaremos, não necessariamente todas elas se aplicam em qualquer contexto real.

O que faz com que uma alternativa seja escolhida dentre todas as outras formas de responder ao mesmo? E, olhando para (2d), como o reposicionamento do acento prosódico modifica a informação em uma sentença? Afinal, a alternativa em questão é a única dentre as propostas cujo acento primário não se encontra na última palavra, pois, caso lá estivesse, mudaria a informação sendo proposta pelo enunciado e não mais seria uma resposta adequada à pergunta em (1).

Na primeira seção deste artigo, lidaremos com as diferentes escolhas de palavras e de estruturas para carregar a informação e as mudanças que essas diferenças têm (por menores que possam ser) na informação que o interlocutor recebe dela. Na segunda seção, a prosódia distinta entre as sentenças é levada em conta, focando principalmente em que tipo de informação pode ser encontrado em algumas prosódias comuns, além de buscar uma definição de domínio de foco que permita um melhor entendimento da relação sintaxe/fonologia no conteúdo da estrutura informacional. A seção três tenta trazer algumas pistas sobre como a criatividade, mencionada por McGilvray (2003) em relação ao estudo do significado das palavras, está relacionada com o estudo das sentenças dentro do campo da estrutura informacional. Finalmente, a conclusão traz algumas ideias para trabalhos futuros.

1 PALAVRAS DISTINTAS

Como colocado acima, a mesma informação pode ser dada de formas distintas. De certa forma, porém, ãa mesmaõ aqui não seria um termo tão preciso, pois, caso contrário, por que haveria tantas formas distintas para dizer exatamente o mesmo? A verdade é que, além de o significado ser de fato o mesmo, a informação é a mesma apenas em um primeiro nível, no qual levamos em conta a informação em relação à pergunta virtual. A informação que se pretende transmitir tem potencial para favorecer uma ou outra forma de expressá-la. Além de levarmos em conta a sintaxe e a semântica, a pragmática é extremamente relevante ao estudarmos a estrutura informacional e, embora alguns autores a estudem com parte de uma ou outra área, outros, como Vallduví (1990), a veem como um novo ramo no estudo linguístico, o qual ele, por sua vez, chama de informática. Para ilustrar algumas formas distintas de expressar informação, tomemos os exemplos em (3), adaptados de Lambrecht (1998):

- (3) a. Os que fizeram isso são meus AMIGOS.
- b. Meus AMIGOS fizeram isso.
- c. Foram meus AMIGOS que fizeram isso.
- d. Eles são meus AMIGOS, os que fizeram isso.

Obviamente para qualquer falante nativo de português, as quatro sentenças em (3) têm o mesmo significado, qual seja, que os amigos do falante são os responsáveis por terem feito a coisa específica sobre a qual se está falando. As diferentes formas de estabelecer tal fato, porém, devem ter alguma razão para existirem, do contrário dificilmente surgiriam tantas formas tão corriqueiras de dizer ão mesmoõ.

A diferença, como antecipamos, é que a informação, embora similar, não é exatamente a mesma. Lambrecht (1998) examina estas sentenças da seguinte forma:

A sentença (3a) é ambígua entre uma leitura identificacional e uma de tópico comentário. Se a tomarmos como uma sentença identificacional, o NP ãmeus amigosõ, que identifica o argumento que falta na proposição aberta pressuposta, é uma expressão referencial. Para Lambrecht, essa sentença seria, nesse caso, uma instância de uma construção pseudo-clivada. Nesse caso, ela seria sinônima às alossentenças¹ em (3b) e em (3c). Já na leitura tópico-

1 A lossentença (*allosentence*) é usada aqui de forma semelhante à proposta por Dane–(1966, *apud* Lambrecht, 1998), especificando duas ou mais sentenças com o mesmo significado. Dane–usava o termo em relação

comentário, (3a) é apenas uma sentença copular na qual o sujeito ãos que fizeram issoö refere a um conjunto identificável de indivíduos no qual ãmeus amigosö é um predicado nominal não referencial. Assim, nesta leitura, (3a) não é sinônima com (3b) ou com (3c), mas com a construção em (3d), que apresenta um antitópico² (deslocamento à direita).

Lambrecht, porém, não explicita o porquê de as sentenças em (3) serem distintas entre si, apenas aponta suas diferenças ou semelhanças, como mostrado no parágrafo anterior. A possibilidade de o falante produzir qualquer uma dessas sentenças para se referir à mesma situação é o que intriga e o que traz uma nova possibilidade de estudo.

Algumas possibilidades de trazer o mesmo significado são, porém, mais visivelmente distintas, como ocorre com as sentenças em (4), embora por razões totalmente distintas:

- (4) a. Meus AMIGOS.
- b. Meus amigos fizeram ISSO.
- c. Foram MEUS amigos que fizeram isso.
- d. Os que fizeram ISSO são meus amigos.

O caso em (4a) é mais simples. Toda a informação pressuposta é omitida, em relação à (3a) em que a mesma informação está explícita. Algumas razões podem cooperar para que tal informação pressuposta seja elidida. Por exemplo, o simples fato de o falante estar cansado, ou com pressa, ou mesmo inserido em um contexto de maior informalidade pode ser suficiente para isso. Na verdade, tal resposta talvez seja até mais natural como resposta à (5) do que (3a), a verdadeira dúvida sendo, assim, ãpor que alguém se utilizaria da forma mais longa?ö.

- (5) Os que fizeram isso são quem?

A leitura que responde a tal questão, se tomarmos (3a), seria a identificacional, ou seja, neste caso, a que especifica um elemento faltante no estoque de conhecimentos do ouvinte. Uma razão possível para uma resposta mais longa como essa seria uma necessidade de indiretamente enfatizar algo. Podemos imaginar que o ouvinte já tem algum conhecimento sobre os amigos do falante, e que a resposta é para enfatizar que são aqueles amigos sobre os quais o ouvinte já sabe que a sentença refere. Em tal contexto, por exemplo, um simples ãmeus amigosö, como em (4a) talvez parecesse mais vago, permitindo que o ouvinte

apenas à diferente ordem de palavras, porém aqui, como Lambrecht, usamos em um sentido mais geral, levando em conta sentenças com maiores diferenças do que apenas a ordem de palavras.

2 Antitópico: refere-se ao fato de o termo que geralmente seria o tópico na estrutura informacional estar deslocado para a direita, fora da posição típica do tópico, seguindo a parte focal.

perguntasse õquais amigos?õ.

Ainda, a situação poderia, talvez, ser outra, em que o falante soubesse que o ouvinte ignora quem fez o õalgoõ em questão e soubesse, ainda, que o ouvinte quer saber, ainda que não o tenha perguntado diretamente. Como isso poderia ocorrer pode variar: o falante poderia, por exemplo, ter escutado a conversa do ouvinte com outra pessoa. Neste caso uma resposta mais simples, como (4a), não seria suficiente, já que o ouvinte não sabe que a intenção do falante é preencher aquela lacuna específica do seu conhecimento, assim forçando o falante a usar a sentença mais completa em (3a), ou aquelas em (3b) ou (3c). Seria, assim, ainda um caso de leitura identificacional, porém exigindo uma resposta mais completa ao invés da que apaga o conteúdo compartilhado. Entretanto, como poderíamos esperar, deve haver alguma motivação que favoreça³ o uso de uma ou outra forma, caso contrário, por que haveria tantas?

Se prestarmos atenção, seria, talvez, um pouco estranho responder a (5) com (3b) ou (3c), já que há uma distinção muito grande entre as palavras da pergunta e das respostas. Se, entretanto, temos perguntas como as de (6), elas parecerão respostas mais naturais:

(6) a. Quem fez isso?

b. Quem foi que fez isso?

Como Groenendjik e Stokhof (1982) dizem em sua introdução, uma pergunta feita corretamente aponta para uma lacuna no estoque de informação de quem a faz e, para ser adequada, uma resposta é uma tentativa de preencher essa lacuna tão bem quanto seja possível para quem a responde. Tal lacuna é exatamente onde a informação focal entra. A diferença entre as possíveis respostas para perguntas pode, entre outras coisas, estar associada com a forma como a pergunta é elaborada. Se levamos isso em conta, torna-se mais fácil perceber que (3b) responde mais naturalmente à (6a) e que (3c) responde mais naturalmente a (6b). É importante perceber, porém, que ambas questões em (6) podem ser respondidas com (4a), sendo necessário, assim, que outros fatores criem a necessidade de uma resposta mais longa. Isso, entretanto, não esclarece como as três primeiras opções em (3) podem funcionar da mesma forma no caso proposto anteriormente, em que o ouvinte não fez nenhuma pergunta diretamente para o falante. Embora seja um ponto interessante para futuras análises, por agora nos contentamos em trazê-lo à tona e sugerir que fatores pragmáticos como polidez ou inferência podem estar relacionados com a resposta.

3 A escolha do termo õfavorecerõ, aqui, se deve ao fato de estarmos em um estágio inicial da pesquisa. Embora aparentemente uma forma venha a ter prioridade sobre a outra em contextos distintos, não podemos dizer que sejam necessariamente excludentes.

A sentença em (4b) traz informações diferentes. O foco, nesse caso, é o objeto em vez de o sujeito. Essa mudança de foco deve-se a uma mudança na prosódia de (3b) e será objeto da análise na parte 2 deste artigo. Também as respostas em (4c) e (4d) são resultado da mudança do foco fonológico a partir de um outro elemento, sendo, assim, também tratadas na segunda parte.

Assim, encerramos a primeira parte, mas ainda alguns pontos devem ser analisados em trabalhos futuros, como *“Por que há tantas formas diferentes de perguntar o mesmo? Qual a diferença entre estas formas?”,* além do já proposto caso da escolha entre (3a), (3b) e (3c) quando não há uma pergunta direta.

2. PROSÓDIAS DISTINTAS

Como já foi apontada acima, a ordem das palavras não é a única forma possível de mudar a informação transmitida por uma sentença. Lidaremos agora com outra forma de fazê-lo: mudando a posição do foco fonológico e o escopo do domínio de foco. Para tanto, iniciaremos com uma breve análise das sentenças em (4), suas possíveis informações e a que elas poderiam responder.

A sentença (4a) é um caso simples, e não nos ateremos por muito tempo a ela. Tendo apenas dois itens lexicais, ambos pertencentes ao mesmo sintagma nominal, o foco se expande naturalmente por todo o sintagma. O foco fonológico está colocado na última palavra, mas a única forma que este poderia não ser o caso, seria se lidássemos com um foco contrastivo, em que o determinante *“meus”* poderia receber um acento de foco contrastivo, contrastando com algum outro elemento previamente mencionado (como, possivelmente, corrigindo a informação de que os amigos em questão seriam de outra pessoa).

As demais sentenças em (4) são mais interessantes à análise que propomos, e começaremos com a sentença em (4b). Se a compararmos com (3b), é possível perceber que a única diferença é o foco fonológico, que foi deslocado de *“amigos”* para *“isso”*. Tal deslocamento, porém, é o suficiente para mudar toda a informação pretendida pelo falante. Enquanto (3b) é uma resposta perfeitamente aceitável para (6a), a nova sentença não pode ser usada com sucesso para respondê-la, ou teríamos o seguinte caso:

(7) *“Quem fez isso?”*

“Meus amigos fizeram ISSO.”

Uma boa resposta deve apresentar um foco fonológico que coincide com, pelo menos, a última parte do foco informacional, o que não ocorre em (7). Já que *õissoö* já é conhecimento compartilhado, a resposta deveria soar estranha para o interlocutor. Então o que poderia ser respondido por (4b)? Para isso introduzimos uma noção de domínio de foco semelhante à introduzida em Breunig (2012), ou seja, o domínio de foco é o escopo de elementos da sentença que podem fazer parte do foco informacional, começando no elemento marcado pelo acento focal e podendo ser expandido, mais comumente, para a esquerda dentro da mesma oração ó exceto quando toda a oração complexa for focal, único caso em que o domínio de foco pode extrapolar o limite da oração em que se encontra.

Neste caso, o domínio de foco começa em *õissoö* e permite que o foco seja apenas esta palavra, como no caso em que responde a (8a), ou *õfizeram issoö*, como em (8b), ou toda a sentença, como em (8c):

(8) a. Os seus amigos fizeram o quê?

b. Seus amigos o quê?

c. O que aconteceu?

Analisamos agora (4d), que se diferencia de (3a) pela mudança no elemento com o foco prosódico. Este caso, porém, é distinto do último, pois há uma oração subordinada, na qual o elemento focal se encontra. Embora alguns autores, como Komagata (2001, 2003), defendam que não possa haver estrutura informacional em orações subordinadas, nós adotamos aqui a mesma visão de Breunig (2012), que defende que seja possível encontrar estrutura informacional em tais orações. Neste caso, entretanto, o domínio de foco, como mencionamos antes, geralmente não se espalha para fora da oração na qual se encontra o elemento fonologicamente marcado.

Como em (4d) o elemento marcado é o mais à direita de sua oração, o domínio de foco pode se restringir apenas ao próprio elemento marcado, caso que provavelmente seria encontrado em apenas duas situações: para responder à questão em (9a), ou como uma sentença ecóica, ou seja, com foco contrastivo ó e, como já dissemos, não lidaremos com tal tipo de foco neste trabalho. A sentença pode ainda responder a (9b):

(9) a. Os que fizeram o quê que são teus amigos?

b. Quem que são teus amigos?

Dissemos antes, entretanto, que não é usual que o domínio de foco se expanda para fora da oração em que se encontra o elemento marcado. Isso, porém, não quer dizer que não seja

possível que aconteça. Se o caso fosse, como parece mais provável, de uma sentença identificacional, o foco poderia ser toda a sentença. Não é possível que o foco tome apenas uma parte de cada oração, assim, a sentença que analisamos seria uma resposta possível para um caso como o proposto em (10), talvez ocorrendo em uma festa, na qual dois desconhecidos se encontram e começam a conversar, um deles perguntando ao outro:

(10) Quem você conhece aqui?

Nesse caso, a sentença identificacional se utiliza de um elemento fora do discurso para localizar ao interlocutor a informação solicitada.

Finalmente, lidamos com o caso em (4c), que pode ser contrastado com (3c) em relação ao foco fonológico. Este caso, quase tanto quanto (4a), não é uma sentença de grande interesse. O elemento marcado é o determinante e dificilmente seria algo além de uma sentença contrastiva. O tipo de ambiente onde esperaríamos que ela surgisse é apresentado em (11):

(11) ó Foram os amigos do João que fizeram isso.

ó Não. Foram MEUS amigos que fizeram isso.

Para concluir esta etapa, ressaltamos que a fonologia está relacionada à criatividade linguística (no que toca à estrutura informacional) no sentido de que permite a mudança de ordem das palavras e, realocando o foco fonológico, permitindo que a informação transmitida não se perca ou se altere em sua essência, exceto pelas minúcias que buscamos e cuja análise começamos a propor neste artigo.

3. CRIATIVIDADE

McGilvray (2003) fala sobre o significado como sendo um conjunto potencialmente infinito de conceitos sentenciais internamente constituídos, tratando-se de entidades mentais teoricamente definidas que interagem com outros sistemas mentais. Ele refere-se, no caso, aos itens lexicais, mas o mesmo poderia ser dito de significados de sentenças. É possível transmitir praticamente todo sentido que a mente humana pode conceber, o que seria também um conjunto potencialmente infinito. O ponto é que não só os significados possíveis são potencialmente infinitos, mas a forma de transmitir informação com cada significado também é múltipla em cada sentença. A informação varia de acordo com os conhecimentos já compartilhados, pressupostos em um sentido anterior ao linguístico.

A criatividade também surge, como visto, do fato de que o mesmo significado pode ser

transmitido por sentenças distintas e, embora elas tenham o mesmo sentido, elas parecem tender a serem favorecidas para informações (sutilmente) distintas em contextos distintos.

É interessante observar que línguas diferentes desenvolvem estratégias diferentes para explicitar determinadas informações. Verificamos isso em um exemplo trazido por Lambrecht (1998), no qual se compara estratégias do inglês, do italiano, do francês e do japonês:

- | | |
|----------------------------------|----------------------------|
| (12) ãA. What is the matter? | B. Howø your neck? |
| a. My NECK hurts. | a. My neck HURTS. |
| b. Mi fa male il COLLO. | b. Il collo mi fa MALE. |
| c. Jøai mon COU qui me fait MAL. | c. Mon cou il me fait MAL. |
| d. KUBI ga ITAL. | d. Kubi wa ITAL.õ |

Uma rápida olhada nos exemplos acima no mostra que essas quatro línguas lidam de forma diferente com a forma como organizamos as sentenças e a prosódia para transmitir a informação. Por exemplo, em inglês, enquanto ãneckõ está marcado fonologicamente quando ainda não foi mencionado (o verbo ãhurtsõ poderia até ser apagado em um contexto mais oral e menos formal), é o verbo que recebe a marcação fonológica quando o nome já havia sido mencionado. Entretanto, o italiano lida com o mesmo caso mudando a ordem das palavras e mantendo o foco prosódico no último elemento de cada sentença. O francês, por sua vez, é um caso interessante, uma vez que quando o pescoço não havia sido mencionado anteriormente, ele é primeiramente introduzido com uma construção presentativa, a qual tem seu próprio elemento marcado, sendo então adicionada a informação sobre o elemento em questão com um novo foco marcado fonologicamente. Quando o pescoço já está presente, porém, o único elemento marcado é õmalõ, que, junto ao verbo, é o equivalente ao inglês ãhurtsõ. Por fim, o japonês mantém a ordem das palavras nas duas sentenças: no primeiro caso tanto o nome como o verbo são fonologicamente marcados, apresentando a partícula õgaõ, que indica que o nome é informação nova. Já na segunda apenas o verbo é marcado e a partícula õwaõ aparece, indicando que o nome é tópico, ou seja, que já é pressuposto, nesse caso.

Nos casos de (12B), seria possível uma resposta mais curta, como, por exemplo, em inglês, onde se poderia responder apenas com õit hurtsõ, ou do japonês, em que seria possível dizer õitaiõ. Como vimos anteriormente, isso dependerá da intenção do falante e do contexto de enunciação. Lambrecht decide por mostrar a resposta completa para uma melhor análise das diferenças entre as línguas.

Voltando a McGilvray, ele diz sobre a linguagem que:

It offers accessible conceptual resources to deal with the myriad cognitive tasks of getting along with others and understanding the world. Its contribution begin early; it is automatically acquired at an early age and, with its resources available, the child easily develop common sense (folk physics, folk psychology, etc.) and engages in play and fantasy.

(McGilvray, 2003, p. 205)

Essa aquisição da linguagem em um momento inicial da vida se refere também à aquisição de como estruturar sentenças de forma a transmitir um tipo específico de informação em vez de outro. Estudos sobre em que idade as crianças começam a utilizar estratégias sintáticas e fonológicas para modificar a informação são um assunto interessante para um próximo momento, mas, para que possa ser feito, é necessário que primeiro se aprofundem estudos sobre como tais ferramentas de fato funcionam na língua falada, tarefa que ainda está em um estágio muito inicial, com muitos trabalhos sobre o assunto sendo feitos em relação à língua falada, ou a uma fala mais formal.

4. CONCLUSÃO

Concluimos este trabalho com uma breve revisão das ideias apresentadas e com algumas sugestões para futuros trabalho a serem desenvolvidos em relação ao estudo da criatividade linguística e da estrutura informacional.

As duas formas principais de modificar a informação em uma sentença são a ordem de palavras e a marcação fonológica. Isso é verdade seja para o foco informacional ou para o foco contrastivo. Este, porém, parece estar mais relacionado, de alguma forma, à marcação fonológica, o que pode estar ligado fortemente ao fato de, geralmente, estarem presentes nas chamadas sentenças ecóicas. Tais sentenças ainda são pouco exploradas, tendo características próprias, as quais evitamos utilizar neste estudo, exceto por alguns exemplos.

A forma clássica de lidarmos com estrutura informacional é a divisão dupla, como em tópico-comentário, ou em *background*-foco, entre outras. Cada uma dessas divisões, porém, parece deixar algo de fora que pode apenas ser explicado com outra escolha entre as possibilidades. Para resolver tais questões, autores como Vallduví (1990), tentaram formular divisões tripartidas do conteúdo informacional. No caso de Vallduví, por exemplo, ele faz uma divisão primeiramente entre conteúdo novo (foco) e conteúdo compartilhado (*ground*), este sendo ainda dividido entre sobre o que a sentença é (*link*) e o restante do conteúdo compartilhado (*tail*).

A teoria de Vallduví, porém, também não está livre de problemas. Embora não seja este o lugar para entrar em detalhes, algumas questões relacionadas ao *tail*, por exemplo, ainda devem ser mais bem exploradas. Além disso, a divisão da informação em três categorias deixa em aberto a possibilidade de dividir a sentença ainda mais, para incluir, por exemplo, foco contrastivo e tópico contrastivo.

Outros estudos que precisam ser aprofundados estão relacionados às questões propostas na primeira parte deste trabalho sobre (6). A principal indagação, nesse caso, deveria ser *opor que é possível perguntar pela mesma informação de formas tão distintas?*, ou ainda mais interessante, *Qual a diferença entre as informações pelas quais estas perguntas pedem?*

Não podemos esquecer, ainda, a necessidade de entender as diferenças entre as três primeiras possibilidades em (3), se é que existem, quando uma pergunta não foi diretamente feita e se uma destas opções, novamente, se alguma, seria preferível ante as outras.

Novos estudos sobre tais assuntos, porém, exigiriam que se olhasse mais atentamente para corpora oral, invés de corpora escrita, uma vez que fatores fonológicos são tão importantes quanto os sintáticos. Obviamente ambos os estudos podem trazer informação nova e útil e enquanto linguagem falada tem os fatores fonológicos para serem explorados, os estudos de corpora escrita podem buscar pelas estratégias adotadas quando não contamos com a vantagem fonológica para determinar a informação específica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BREUNIG, Gustavo. *Articulação informacional em orações subordinadas*. Trabalho de Conclusão de Curso (grau em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

GROENENDIJK, Jeroen & STOKHOF, Martin. On the semantics of questions and the pragmatics of answers. *Varieties of formal semantics: proceedings of the fourth Amsterdam colloquium*, Holanda, Foris Publications, v. 3, n. 1, pp. 143-170, 1984.

KOMAGATA, Nobo. Entangled information structure: analysis of complex sentence structures. *Information structure, discourse structure and discourse semantic: workshop proceedings*. Finland, The University of Finland, pp. 53-66, 2001.

_____. Informational structure in subordinate and subordinate-like clauses. *The journal of*

logic, language and information, Netherlands, Kluwer Academic Publishers, v. 12, pp. 301-318, 2003.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representation of discourse referents*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 1998.

MCGILVRAY, James. Meaning and Creativity. *The Cambridge companion to Chomsky*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

VALLDUVÍ, Enric. *The informational component*. Ph.D. Dissertation. The Institute for Research in Cognitive Science, University of Pennsylvania. Pennsylvania, United States of America, 1990.

Recebido em 15 de setembro de 2013.

Aceito em 2 de fevereiro de 2014.